

# Brasil vira exemplo de recuperação com êxito

Comunidade financeira internacional se preocupa agora com o risco de Equador não honrar os bônus Brady

Maria Luiza Abbott

Enviada especial

• WASHINGTON. Ao contrário do ano passado, o Brasil não é o centro das atenções desta reunião anual do Fundo Monetário Internacional (FMI). E isso é uma boa notícia, pois o país, na avaliação da comunidade financeira internacional e do próprio Fundo, é um caso de sucesso, pelo menos até agora. No ano passado, havia dúvidas sobre a capacidade

de o Brasil manter seu sistema de câmbio e quase a certeza de que enfrentaria uma profunda recessão em 1999.

— A recuperação do Brasil está sendo mais rápida e melhor do que esperávamos — diz o vice-presidente do Banco Mundial para a América Latina, David de Ferranti.

O secretário de Assuntos Internacionais do Ministério da Fazenda, Marcos Caramuru, lembra que o Brasil tem uma boa história para contar e, por

isso, países com problemas mais sérios a serem resolvidos estão ocupando o maior tempo das discussões nas reuniões do FMI. Caramuru observa que o Brasil recuperou o acesso aos mercados financeiros privados, está cumprindo com sucesso as metas fiscais, conseguiu manter a inflação sob controle, embora ainda esteja em processo de avanço nas reformas da economia.

O Brasil está sendo usado como exemplo nas discussões

do FMI e dos países desenvolvidos sobre a participação do setor privado nos processos de superação das crises, especialmente ante a possibilidade de o Equador não honrar o pagamento de bônus Brady, que vencem terça-feira. Em março, concluídas as negociações com o Fundo, o Brasil obteve apoio dos bancos privados que aceitaram manter, espontaneamente, as linhas de financiamento de curto prazo.

Se o Equador deixar de pa-

gar seus bônus — parte do programa de refinanciamento das dívidas dos países da América Latina, feito em 1989, com o apoio do Tesouro americano — as instituições financeiras privadas terão de arcar com o prejuízo. O que está em discussão é em que casos as instituições multilaterais de crédito e os governos dos países ricos não vão oferecer ajuda e evitar perdas.

A possível moratória do Equador não deverá ter efei-

tos sobre o fluxo de capitais internacionais para países emergentes a médio prazo. O medo do bug do milênio já reduziu a oferta de recursos. Para evitar problemas, as empresas privadas, inclusive de países desenvolvidos, antecipam as renovações de financiamentos, o que aumentou os *spreads* (taxas de risco) cobrados pelos bancos. Com isso, caiu a oferta de recursos para os emergentes, especialmente no mercado americano. ■